

GÊNERO E ESTILOS DE VIDA NO CAMPO UNIVERSITÁRIO: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS E PREFERÊNCIAS CULTURAIS DE ESTUDANTES DA UNICAMP

Gustavo de Sousa Vieira¹

RESUMO: Alinhado aos estudos sobre estilos de vida e distinção cultural, neste texto analiso variações de práticas e gostos culturais entre mulheres e homens internamente à população discente da Universidade Estadual de Campinas. Para tanto, utilizo dados de uma pesquisa sobre estratificação social e estilos de vida entre a população discente feita por meio da aplicação de questionários (amostra de 548 estudantes) e realização de entrevistas em profundidade (22 estudantes de diferentes posições sociais). Analisando com recorte de gênero dados de três domínios culturais (usos do tempo, preferências musicais e preferências literárias), mostro que as mulheres apresentam um padrão de práticas e gostos homólogo entre os diferentes domínios, marcado pela variedade de práticas, interesses e gostos, enquanto os homens apresentam um estilo de vida marcado pela menor carga de atividades e pela homogeneidade estética. Para explicar estes padrões, ofereço três hipóteses lastreadas na literatura sobre práticas culturais e desigualdades de gênero. A primeira é a de que há um viés de gênero no acúmulo de capital cultural impondo às mulheres discentes um trabalho maior para que consigam alcançar as mesmas posições que os homens. A segunda é a de que se trata de um onivorismo cultural orientado para a construção de senso de pertencimento e para o acúmulo de capital social. A terceira é a de que existe uma maior abertura para a ressignificação da identidade feminina a partir da mobilização de estilos de vida diversos em comparação com um estilo de vida mais homogêneo que marca a identidade masculina.

PALAVRAS-CHAVE: Distinção Cultural. Estilos de Vida. Gostos e Práticas Culturais. Desigualdade de Gênero. Campo Universitário.

¹ Mestrando em Sociologia na Universidade Estadual de Campinas. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (processo nº 2018/11215-1). E-mail para contato: gustavo.sousavieira@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4683-4257>.

GENDER AND LIFESTYLES IN THE UNIVERSITY FIELD: AN ANALYSIS OF THE CULTURAL PRACTICES AND PREFERENCES OF UNICAMP STUDENTS

ABSTRACT: Aligned with studies on lifestyles and cultural distinction, in this text I analyze variations in cultural practices and tastes among women and men within the student population of the State University of Campinas. To do so, I use data from a survey on social stratification and lifestyles among the student population, carried out by applying questionnaires (sample of 548 students) and conducting in-depth interviews (22 students from different social backgrounds). Analyzing with a gender perspective data from three cultural domains (uses of time, musical preferences and literary preferences), I show that women present a pattern of practices and tastes that are homologous between the different domains, marked by the variety of practices, interests and tastes, while men have a lifestyle marked by a lower load of activities and aesthetic homogeneity. To explain these patterns, I offer three hypotheses based on the literature on cultural practices and gender inequalities. The first is that there is a gender bias in the accumulation of cultural capital, imposing greater work on women students so that they can reach the same positions as men. The second is that it is a cultural omnivorism oriented towards building a sense of belonging and accumulating social capital. The third is that there is a greater openness to the re-signification of female identity from the mobilization of diverse lifestyles in comparison with a more homogeneous lifestyle that marks the male identity.

KEYWORDS: Cultural Distinction. Lifestyles. Cultural Tastes and Practices. Gender Inequality. University Field.

GÉNERO Y ESTILOS DE VIDA EN EL CAMPO UNIVERSITARIO: UN ANÁLISIS DE LAS PRÁCTICAS Y PREFERENCIAS CULTURALES DE ESTUDIANTES DE LA UNICAMP

RESUMEN: Alineado con estudios sobre estilos de vida y distinción cultural, en este texto analizo variaciones en las prácticas y gustos culturales entre mujeres y hombres dentro de la población estudiantil de la Universidad Estadual de Campinas. Para ello,

utilizo dados de una encuesta sobre estratificación social y estilos de vida entre la población estudiantil, realizada mediante la aplicación de cuestionarios (muestra de 548 estudiantes) y la realización de entrevistas en profundidad (22 estudiantes de diferentes estratos sociales). Analizando con perspectiva de género datos de tres dominios culturales (usos del tiempo, preferencias musicales y preferencias literarias), muestro que las mujeres presentan un patrón de prácticas y gustos homólogos entre los diferentes dominios, marcados por la variedad de prácticas, intereses y gustos, mientras que los hombres tienen un estilo de vida marcado por una menor carga de actividades y homogeneidad estética. Para explicar estos patrones, ofrezco tres hipótesis basadas en la literatura sobre prácticas culturales y desigualdades de género. La primera es que existe un sesgo de género en la acumulación de capital cultural, imponiendo mayor trabajo a las mujeres estudiantes para que puedan llegar a los mismos puestos que los hombres. La segunda es que se trata de un omnivorismo cultural orientado a construir sentido de pertenencia y acumular capital social. La tercera es que hay una mayor apertura a la resignificación de la identidad femenina a partir de la movilización de estilos de vida diversos frente a un estilo de vida más homogéneo que marca la identidad masculina.

PALABRAS CLAVE: Distinción Cultural. Estilos de Vida. Gustos y Prácticas Culturales. Desigualdad de género. Campo Universitario.

INTRODUÇÃO²

Os estudos sobre a relação entre estilos de vida e estratificação social fazem parte da história da sociologia desde trabalhos clássicos como os de Weber (1996 [1922]), Simmel (2003 [1900]), Sombart (1979 [1913]) e Veblen (1987 [1899]). Contudo, desde a publicação de *A Distinção* por Pierre Bourdieu em 1979 este debate passou a ter um referencial teórico praticamente incontornável: falar sobre a relação entre estratificação e estilos de vida, desde então, é falar sobre as possibilidades de se obter lucros simbólicos a partir da *distinção cultural* (BOURDIEU, 2017). Assim, com base na obra fundamental de Bourdieu, a linha de estudos sobre distinção cultural passou a investigar a possibilidade de que práticas e preferências culturais legitimadas sejam compreendidas como atestados de valor social em diferentes contextos.

² Por suas valiosas leituras e comentários a versões prévias deste artigo, agradeço a Michel Nicolau Netto, Bárbara Geraldo de Castro, Mateus da Silva Lisboa e Thaís Fernanda Rabelo.

No entanto, a forma como se constrói nas pesquisas empíricas a estrutura de estratificação social não é evidente, e variações conceituais e metodológicas impactam nos resultados de uma pesquisa sobre distinção. Com isso, se em *A Distinção* a estratificação era quase completamente reduzida à classe social – ainda que analisada de maneira multidimensional e relacional a partir da construção do que Bourdieu chamou de *espaço social* (BOURDIEU, 1996) –, outras dimensões de organização das desigualdades como o gênero e a raça apareciam ao longo da análise sempre subordinadas à posição na hierarquia das classes. Coube às gerações posteriores de sociólogas da cultura e da estratificação a tarefa de identificar empiricamente e explicar teoricamente qual o papel desempenhado por estas outras dimensões nos jogos de distinção³.

Preocupado aqui com uma dimensão específica da estratificação – o gênero –, o objetivo deste texto é analisar as variações de práticas e preferências culturais entre homens e mulheres numa população específica: a dos estudantes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Com base em dados de uma pesquisa sobre estratificação social e estilos de vida entre estudantes da Unicamp feita por meio da aplicação de questionários (amostra representativa de 548 estudantes) e realização de entrevistas em profundidade (com 22 estudantes de diferentes posições sociais), recorro para este texto a análise dos dados tendo como base as variações estruturadas pelo gênero. A análise mostra que, a despeito de não existirem diferenças sistemáticas de origem de classe, raça ou área de estudos entre homens e mulheres na população estudada, os estudantes de diferentes gêneros se diferenciam com base em padrões de práticas e gostos culturais encontrados de maneira homóloga entre diferentes domínios culturais. Para este dado, ofereço algumas hipóteses explicativas que tratam das desigualdades de gênero no campo universitário e da existência de um *habitus* de gênero.

³ É motivo de debate a precisão teórica de se aproximar o conceito de *espaço social* do de *estratificação social*. Seguindo a definição minimalista de Pakulski (2015), entendo estratificação social como as formas organizadas (*estruturadas*) de desigualdades, implicando, por “organizadas”, num mínimo de hierarquização vertical. Com isso, entendo como adequada a interpretação de que o espaço social é o modelo proposto por Bourdieu para se estudar a estratificação social.

GÊNERO E DISTINÇÃO

Diferenças de estilos de vida entre homens e mulheres aparecem em diversos momentos de *A Distinção*, mas sempre ocupando posição secundária em relação à classe social. Há, por exemplo, menções a diferenças entre homens e mulheres na apreciação estética de fotografias, nos discursos sobre o trabalho, nas formas de vestuário, nos usos do corpo e na apresentação de si⁴, mas elas aparecem sempre como variações internas às classes e frações de classe. Em um texto em que reconstrói a história da pesquisa que deu origem ao livro, Monique de Saint Martin (2015) destaca que a equipe de pesquisa possuía um amplo conjunto de dados sobre variações de gênero nos estilos de vida da população francesa, mas que eles foram deixados de fora das análises e que não foi fornecida nenhuma justificativa para a ausência de uma teorização mais profunda a respeito das diferenças de gênero identificadas⁵.

Bourdieu tentou resolver o precário papel desempenhado pelo gênero em sua teoria com a publicação de *A Dominação Masculina* (BOURDIEU, 2011). Ali, argumentou que o gênero seria um princípio estruturador das práticas que opera paralelamente à classe, mas a tentativa tardia de inserir o marcador em sua teoria foi contestada até mesmo por autoras que trabalham em forte diálogo com seus escritos. Beverley Skeggs (2004) e Elizabeth Silva (2016), por exemplo, argumentam que a concepção de Bourdieu sobre o gênero o mantém como um traço baseado em diferenças sexuais, criando uma conexão mecânica entre corpo físico e disposições incorporadas. Mariza Corrêa (1999) nota também que Bourdieu empurra a dominação masculina para um ponto arcaico, remoto na história, para com isso sustentar o argumento da universalidade e virtual atemporalidade da dominação masculina. Com isso, na leitura de Corrêa, ele salta de uma

⁴ Para estes exemplos, ver págs. 42, 169, 190 e 194 de Bourdieu, 2017.

⁵ Há, contudo, no artigo de Saint Martin, uma reveladora citação de Luc Boltanski, que fazia parte da equipe de pesquisa, falando sobre a ausência de referências ao movimento feminista e à revolução sexual que estava em cena quando escreveu com Bourdieu o artigo *La production de l'idéologie dominante*, de 1976: “Tínhamos dificuldade em nos livrar da ideia de que a classe social era realmente o fator que determinava a relação com o mundo social” (BOLTANSKI, 2008, sem página, *apud* SAINT MARTIN, 2015, p. 25, tradução minha).

dominação *social* para uma dominação *masculina*, e então para uma em que o *sexo* é dominante. Além disso, as autoras destacam que as análises apresentadas em *A Dominação Masculina* se baseiam fundamentalmente nas pesquisas que Bourdieu fez entre a população cabila ainda na década de 1950, generalizando seus resultados para contextos diversos.

Estas e outras autoras e autores tentaram, então, de maneiras diversas, entender que papel o gênero pode ocupar nas análises sobre dominação e distinção. Skeggs (2004), revisando a literatura da área, destaca que o gênero pode ser entendido como um recurso, como uma forma de regulação, como uma disposição incorporada, como uma forma de violência simbólica e/ou como uma forma legitimada de capital cultural, a depender do foco da pesquisa. Já Silva (2016), reivindicando uma concepção de gênero como processo, argumenta em prol da existência de um *habitus de gênero*, entendido como conjunto de disposições incorporadas, mas continuamente reformuladas mediante as interações cotidianas entre os indivíduos em campos sociais diversos. Com isso, não defende que se exclua o papel determinante das disposições de classe, mas que se busquem as interseções entre marcadores variados que formam os *habitus* com referência à classe, gênero, idade, local e outros traços que se apresentem como empiricamente relevantes nas pesquisas. Concordando com Skeggs (1997), Silva entende que, a depender dessas combinações e do contexto, a identidade de gênero pode se apresentar de forma ambígua, contraditória e instável, marcando valores, percepções e ações diferentes em campos diferentes.

Diana Miller (2014, 2016), por sua vez, entende que ao se inserir o gênero na análise da relação entre *habitus* e campo é possível entender outras dimensões das relações de poder para as quais Bourdieu deu menor atenção. Seria possível entender, por exemplo, quais as disposições marcadas pelo gênero que são mais valorizadas por diferentes campos, fazendo do gênero uma possível forma de capital. Assim, a autora aproxima-se das ideias de Kate Huppatz (2012), que, apoiada na ideia de que os campos são particularmente atrativos para diferentes tipos de pessoas, tendo em vista suas disposições prévias, argumenta que as disposições marcadas pelo gênero são também particularmente interessantes para diferentes campos,

que assim se tornariam mais atrativos para homens ou para mulheres. Desta forma, Huppatz defende que em campos específicos seria possível falar num *capital masculino* e num *capital feminino*, baseados nas disposições marcadas pelo gênero construídas desde a socialização primária que vêm a ser valorizadas num determinado campo.

Cabe notar que estas diferentes concepções a respeito do papel que o gênero pode ocupar num sistema explicativo de matriz bourdieusiana variam em função dos diferentes objetos empíricos estudados e dos diálogos com diferentes linhas dos estudos de gênero. Neste texto, minha preocupação reside em formular hipóteses para explicar um conjunto de padrões sistemáticos nos estilos de vida de estudantes universitários marcados por seu gênero. Neste caso, faz mais sentido seguir o argumento de Silva (2016) de que, se há uma socialização comum diferenciada entre homens e mulheres que lhes mune de sistemas de disposições diferenciados, faz sentido também entender que existe um *habitus* de gênero, tal qual há um de classe. Refino esta hipótese após apresentar os dados produzidos.

POPULAÇÃO DE PESQUISA E DADOS

Os dados que apresento aqui são resultado de uma pesquisa mais ampla sobre gostos, práticas culturais e estratificação social entre a população de estudantes da Unicamp. A pesquisa teve duas etapas de produção empírica. A primeira, quantitativa, se baseou na aplicação de um questionário online sobre posições sociais e estilos de vida com uma amostra representativa da população discente da universidade. A aplicação se deu em Abril de 2019. Após um balanceamento das respostas para que ficassem distribuídas proporcionalmente com a quantidade de estudantes em cada uma das áreas de estudos, a amostra final ficou com 548 respostas individuais. A segunda etapa de produção de dados, esta qualitativa, se baseou na realização de entrevistas aprofundadas com um conjunto de estudantes selecionado internamente aos que haviam respondido ao questionário previamente. As entrevistas foram realizadas online através da plataforma Google Meet entre Outubro e Novembro de 2020 com 22 estudantes de

diferentes áreas de estudos, gêneros e posições de classe. As entrevistas tratavam dos estilos de vida e da sociabilidade dos estudantes na Unicamp.

Como o foco deste texto é nas diferenças de estilos de vida entre mulheres e homens discentes, cabe notar previamente quais as principais diferenças na caracterização social entre os dois grupos. A amostra que produzi era composta por 38,7% de homens e 60% de mulheres⁶. Não são grandes entre os dois grupos as diferenças de autodeclaração racial (82% das mulheres são brancas, contra 76,3% dos homens). Quanto às áreas de estudos, há paridade de gênero nas Ciências Exatas, Tecnológicas e da Terra e mais mulheres que homens nas demais áreas (Ciências Humanas: 69,7% mulheres e 30,3% homens; Ciências Biológicas e Profissões da Saúde: 74,1% mulheres e 25,9% homens; Artes: 71,4% mulheres e 28,6% homens)⁷.

TABELA 1. Raça (%)

	Homens	Mulheres
Amarela	0,9	5,4
Branca	76,3	82,0
Indígena	0,9	0,6
Negra	9,3	4,8
Outra	12,6	7,2

⁶ A população que não se identificou como homem ou mulher totaliza sete pessoas: seis se identificaram como não-binários(as) e uma pessoa preferiu não declarar. Essas pessoas não estão incluídas na análise neste texto. Além disso, a diferença percentual entre homens e mulheres em minha amostra não bate com os dados de ingressantes fornecidos pela *Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp* (Comvest), o que significa que é possível que exista uma sobrerrepresentação de mulheres e sub-representação de homens em minha amostra. Por outro lado, cabe notar que a Comvest fornece dados apenas dos ingressantes que acabaram de passar no vestibular, ao passo que minha amostra envolve pessoas em diferentes anos de sua formação superior. Com isso, podem-se aventar também as hipóteses de que a entrada de mulheres na pós-graduação equilibre a disparidade de entrada na graduação, ou ainda que há maior evasão por parte da população masculina da Unicamp. Não tenho dados para saber com precisão a que se deve especificamente essa disparidade. Os dados da Comvest estão disponíveis em <http://www.comvest.unicamp.br/estatisticas-comvest/estatisticas-sociais/perfil-socioeconomico/perfil-socioeconomico-geral/>, acessado em 21/janeiro/2023.

⁷ Todos os dados apresentados nas tabelas e gráficos tem como fonte o questionário aplicado com os estudantes da Unicamp e são de elaboração própria.

TABELA 2. Área de estudos (%)

	Homens	Mulheres
Ciências Exatas, Tecnológicas e da Terra	50,0	50,0
Ciências Humanas	30,3	69,7
Ciências Biológicas e Profissões da Saúde	25,9	74,1
Artes	28,6	71,4

Nas variáveis de origem social também há poucas diferenças: é maior a parte dos homens que estudou em escolas públicas no ensino fundamental (46% contra 36,3% de mulheres) e no ensino médio (21,4% contra 10,9% de mulheres), bem como a parte deles proveniente de famílias em que não havia responsáveis com diploma de ensino superior (40,5% contra 32,7% de mulheres). A diferença é mínima quando observamos o grupo profissional dos responsáveis, não passando de 1,5% em nenhuma das categorias socioprofissionais. Assim, o que há de mais relevante aqui é a informação de que as mulheres estudantes da Unicamp vêm de ambientes familiares com um pouco mais de capital escolar do que os homens.

TABELA 3. Tipo de instituição em que estudou no ensino básico (%)

Ensino fundamental	Homens	Mulheres
Escola pública	46,0	36,3
Escola particular com bolsa	16,7	21,3
Escola particular sem bolsa	37,2	42,3

Ensino médio	Homens	Mulheres
Escola pública	21,4	10,9
Escola particular com bolsa	7,8	6,4
Escola particular sem bolsa	17,3	12,7

TABELA 4. Nível de escolaridade dos pais/responsáveis (%)

Pais/responsáveis com Ensino Superior (ES) completo	Homens	Mulheres
Nenhum com ES completo	40,5	32,7
Um com ES completo	28,4	36,3
Dois com ES completo	31,2	30,9

TABELA 5. Grupo profissional dos pais/responsáveis (%)⁸

Grupo profissional	Mulheres	Homens
Empregada(o) do setor privado - nível alto/gerencial	16,8	18,1
Funcionária(o) público - nível alto/gerencial		
Empregada(o) do setor privado - nível produção/operação	16,2	16,3
Funcionária(o) público - nível produção/operação		
Empregada(o) do setor privado - nível técnico	15,0	15,8
Funcionária(o) público - nível técnico		
Micro ou pequena(o) empresária(o), comerciante ou empregador(a)	6,9	7,0
Profissional liberal (advogada(o), médica(o), arquiteta(o), engenheira(o), contador(a), dentista, psicóloga(o) etc.)	7,8	9,3
Autônomo/por conta própria (representante comercial, vendedor, contador etc.)	9,0	8,4

⁸ As porcentagens apresentadas agregam os grupos profissionais semelhantes.

Conta própria fora de casa sem carteira assinada (camelô, ambulante, bico, boia fria etc.)	6,6	5,6
Outras atividades em casa sem carteira assinada (confeção, produção de alimentos, manicure etc.)		
Serviço doméstico com carteira assinada		
Serviço doméstico sem carteira assinada		
Do lar	21,0	19,5

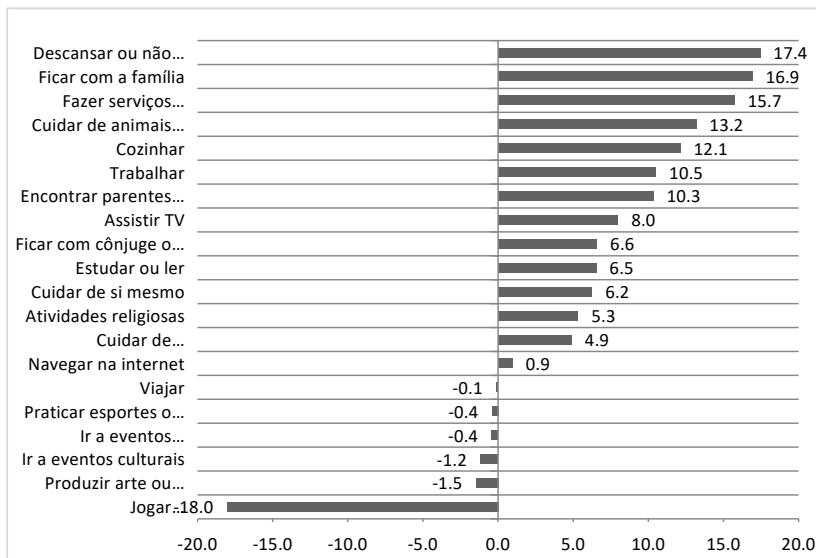
Estes dados de caracterização da amostra mostram que, de maneira geral, não há diferenças sistemáticas de raça, área de estudos ou origem de classe entre homens e mulheres discentes na população estudada⁹, o que indica que as diferenças sistemáticas nos estilos de vida entre os dois grupos de estudantes que apresento abaixo são, provavelmente, efeitos próprios do gênero, entendido como conjunto de disposições construídas socialmente ao longo de suas trajetórias de vida.

Para a análise dos estilos de vida, recorro aqui a análise detida das respostas dos estudantes em três domínios culturais: usos do tempo (separando aqui a prática efetiva e o interesse), preferências literárias e preferências musicais. O que se encontra ilustrado nos gráficos 1 a 4 é o quanto homens e mulheres estudantes da Unicamp fazem, se interessam e gostam mais de cada uma das categorias culturais apresentadas em relação aos indivíduos do outro gênero. Assim, para cada gráfico, o valor apresentado à direita do eixo vertical é a porcentagem em que as mulheres praticam/se interessam/gostam daquela categoria a mais que os homens, e os valores dispostos à esquerda do eixo vertical apresentam o quanto os homens praticam/se interessam/gostam da categoria a mais que as

⁹ Também não há diferenças sensíveis de faixa etária (mulheres: 18% até 19 anos, 70,3% entre 20 e 29, 11,7% mais de 30; homens: 26% até 19 anos, 58,1% entre 20 e 29, 15,8% mais de 30) nem de nível (mulheres: 62,2% graduação e 37,8% pós-graduação; homens: 68,4% graduação e 31,6% pós-graduação).

mulheres¹⁰. Com isso, estou valorizando aqui um dado condizente com a concepção de Bourdieu do que são traços *distintivos*¹¹.

GRÁFICO 1. Usos do tempo (% por gênero)¹²



¹⁰ Trata-se de uma simples subtração, em que retirei do valor percentual afirmado para cada categoria pelas mulheres o valor afirmado pelos homens. Por isso os valores das categorias que os homens praticam/se interessam/gostam mais que as mulheres aparecem à esquerda do eixo em números negativos. Trata-se de uma forma simplificada de apresentar as práticas e preferências separadas com base no gênero dos estudantes.

¹¹ Este é um ponto que constantemente é mal-entendido na tese de Bourdieu sobre a homologia entre posições sociais e estilos de vida. A homologia estrutural a que o autor se refere é entre os grupos e suas práticas *distintivas*, ou seja, não é entre as práticas mais comuns num determinado grupo, mas entre as práticas que são mais realizadas naquele grupo do que nos demais. Isso significa que a prática que distingue um grupo de outro não precisa ser necessariamente a prática que os indivíduos daquele grupo mais fazem, mas sim as práticas que os indivíduos daquele grupo fazem mais que os indivíduos dos demais grupos. É pouco importante no argumento o fato de que pessoas de alto capital cultural vão pouco à ópera; o importante é que estes indivíduos vão à ópera mais que os indivíduos de todos os demais grupos. É o monopólio da expressão mais legitimada que faz da prática de ir à ópera uma prática distintiva, mesmo que, num olhar mais amplo, a prática de ir à ópera seja pouco realizada entre pessoas de alto capital cultural.

¹² Sem recorte por gênero, as atividades mais realizadas são, em ordem decrescente: navegar

O que se nota ao separar os dados de ocupações do tempo entre homens e mulheres é que elas apresentam maior variedade que os homens entre as atividades que fazem com frequência: há 14 atividades que as estudantes da Unicamp fazem mais que os estudantes, contra 6 que eles fazem mais que elas. Ao tirar a média das porcentagens das atividades mais realizadas pelas mulheres e pelos homens, é possível notar também maior valor para a ocupação do tempo entre elas: a média da porcentagem do que as mulheres fazem mais que os homens é 9,6%, enquanto entre o que os homens fazem mais que as mulheres é 3,6%. Cabe notar ainda que entre os homens há apenas uma prática que realizam mais que as mulheres com valor alto (jogar videogame/jogos eletrônicos, 18%), enquanto entre as mulheres a quantidade de práticas que fazem mais que os homens apresenta maior diversidade de tipos. Descansar ou não fazer nada, ficar com a família, fazer serviços domésticos ou arrumar a casa, cuidar de animais domésticos e plantas, cozinhar, trabalhar e encontrar parentes ou amigos; todas essas são atividades que as mulheres fazem mais que os homens com porcentagem superior a 10%.

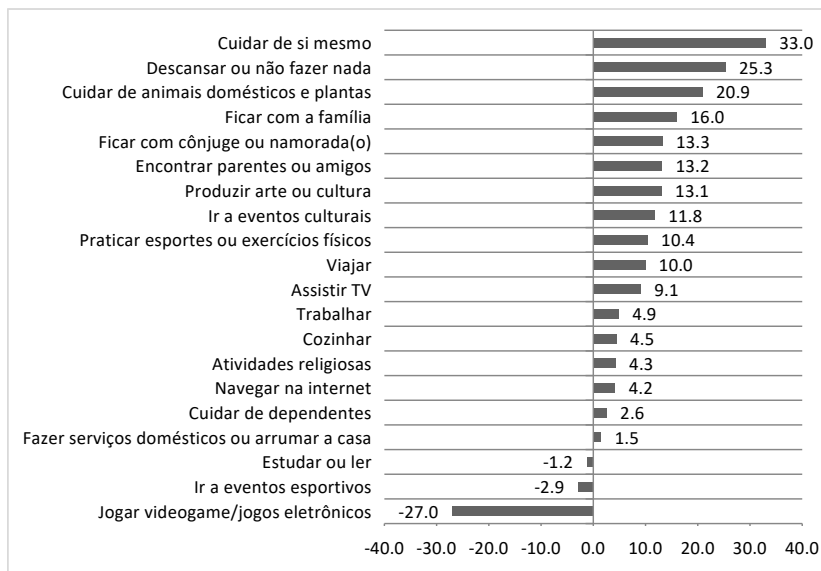
Estes dados evidenciam de partida a desigualdade de gênero no acúmulo de trabalhos não remunerados de rotina, domésticos e de cuidado. Ao passo que a principal prática em que predominam os homens é de puro lazer (jogar jogos eletrônicos), aquelas em que predominam as mulheres agregam rotinas de tempo livre (descansar ou não fazer nada, fazer serviços domésticos ou arrumar a casa, cuidar de animais domésticos e plantas, cozinhar), atividades de lazer (encontrar parentes ou amigos, assistir TV, ficar com companhia[os]) e atividades intermediárias (estudar ou ler, atividades religiosas)¹³. Algumas dessas atividades podem sobrepor obrigação, rotina e lazer, mas por meio das entrevistas foi possível identificar

na internet (80,1%), estudar ou ler (54,2%), descansar ou não fazer nada (38,5%), ficar com cônjuge ou namorada(o) (33,8%), ficar com a família (31,2%), cozinhar (27,4%), encontrar parentes ou amigos (26,3%), trabalhar (25,9%), fazer serviços domésticos ou arrumar a casa (25,4%), cuidar de animais domésticos e plantas (23,4%), praticar esportes ou exercícios físicos (22,1%), cuidar de si mesmo(a) (20,1%), assistir TV (18,8%), jogar videogame/jogos eletrônicos (13,7%), ir a eventos esportivos (7,7%), produzir arte ou cultura (7,5%), atividades religiosas (6%), cuidar de dependentes (5,3%), viajar (3,6%), ir a eventos esportivos (3,5%).

¹³ A tipificação utilizada é de Virgílio Pereira (2005)

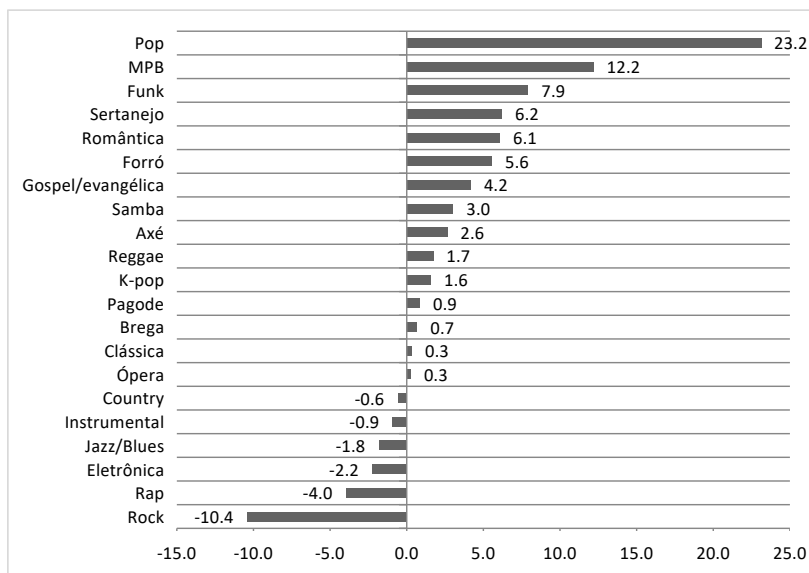
que atividades como cozinhar e cuidar de animais domésticos e plantas têm como função predominante a manutenção do ambiente doméstico, não o lazer: pode até existir um prazer específico em sua realização, mas como precisam ser desempenhadas obrigatoriamente todos os dias, elas são muito mais um trabalho (não remunerado) que um lazer. O mesmo se aplica a atividades como ficar com a família e encontrar parentes ou amigos: são atividades que sobrepõem lazer e trabalho (no caso, o de cuidado, de manutenção das relações). Caso simbólico da desigualdade no trabalho de cuidado é o da diferença na quantidade de tempo despendido para ficar com cônjuge ou namorada(o): se boa parte dos estudantes da Unicamp namoram outros estudantes da Unicamp, e se as mulheres afirmam que passam mais tempo com seus companheiros que os homens, isso significa que há uma parte do tempo que o casal passa junto que é interpretado de maneiras diferentes pelos homens e pelas mulheres. Ou seja, é comum que uma atividade de lazer ou de diversão desempenhada conjuntamente pelo casal tenha para a mulher o significado de manutenção da relação – o que é parte do trabalho de cuidado –, ao passo que para o homem a mesma atividade terá propriamente o significado de diversão e lazer.

As mulheres têm também muito mais interesse que os homens numa pluralidade de atividades: cuidar de si mesmas, descansar, cuidar de animais domésticos e plantas, ficar com a família, companheiras(os) e amigos, produzir arte, frequentar eventos culturais e praticar esportes ou exercícios físicos (todos com mais de 10% de valor superior ao dos homens). Os homens, basicamente, só se diferenciam das mulheres por seu desejo de jogar jogos eletrônicos, a prática mais masculina nessa população, com interesse 27% superior ao das mulheres.

GRÁFICO 2. Atividades que desejam realizar (% por gênero)¹⁴

O dado aqui, portanto, é o de que as mulheres estudantes da Unicamp são mais ativas e mais interessadas que homens em seus usos do tempo: elas fazem mais coisas que os homens e demonstram mais interesse que eles por uma pluralidade de atividades.

¹⁴ Sem recorte por gênero, as atividades que os estudantes mais desejam realizar são, em ordem decrescente: viajar (84,7%), cuidar de si mesma(o) (58,2%), encontrar parentes ou amigos (56,4%), estudar ou ler (52,6%), ir a eventos culturais (51,8%), descansar ou não fazer nada (49,8%), ficar com cônjuge ou namorado(a) (49,5%), ficar com a família (49,3%), praticar esportes ou exercícios físicos (47,3%), navegar na internet (40,7%), cuidar de animais domésticos e plantas (34,1%), cozinhar (32,5%), produzir arte ou cultura (30,3%), jogar videogame/jogos eletrônicos (26,8%), ir a eventos esportivos (19,2%), assistir TV (16,2%), trabalhar (14,6%), atividades religiosas (9,1%), cuidar de dependentes (5,3%), fazer serviços domésticos ou arrumar a casa (5,1%).

GRÁFICO 3. Estilos musicais favoritos (% por gênero)¹⁵

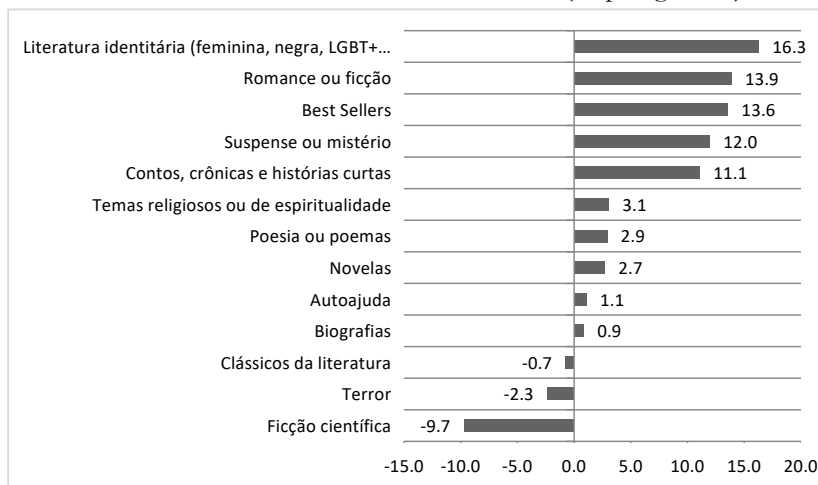
Algo homólogo ao encontrado nas variáveis de prática e interesse se apresenta na variável de gostos musicais. As estudantes da Unicamp gostam mais que seus colegas de 15 estilos musicais, enquanto os estudantes apresentam preferência maior em 6 estilos. Entre as mulheres, destaca-se o maior apreço por música pop (23,2%), seguida pela MPB (12,2%), e entre os homens destaca-se apenas o maior apreço por rock (único com porcentagem superior a 10%). A média entre os estilos musicais mais apreciados pelas estudantes é 5,1%, contra 3,3% dos estudantes homens.

Cabe notar que não há monopólio de legitimidade marcado pelo gênero nas preferências musicais. Por meio das entrevistas, foi possível identificar que os estilos mais valorizados pela maior parte da população

¹⁵ Sem recorte por gênero, os estilos musicais favoritos de mais estudantes são, em ordem decrescente: rock (47,6%), pop (36,9), MPB (34,9%), instrumental (19%), jazz/blues (18,4%), clássica (17,9%), funk (15,5%), samba (15,3%), rap (13,9%), eletrônica (12,6%), sertanejo (11,7%), romântica (11,1%), forró (8%), reggae (8%), pagode (6,6%), ópera (6,2%), country (3,8%), gospel/evangélica (3,5%), axé (3,5%), k-pop (3,3%), brega (2,7%).

discente são o rock, o pop e a MPB, pois é a estes estilos que os estudantes mais comumente atribuem significados de qualidade estética. Estilos como o funk, a música sertaneja e o forró aparecem nas falas dos estudantes que afirmam apreciá-los ocupando um lugar mais funcional: são estilos cuja audição está associada sobretudo ao contexto de diversão universitária coletiva, para se dançar em festas e em atividades culturais.

Na medida em que os estilos musicais mais tipicamente masculinos na população são o rock e o rap, e que os mais tipicamente femininos passam pelo pop, MPB, funk, sertanejo, romântica e forró, fica claro que não há monopólio da música legitimada marcado pelo gênero. O que se destaca é um gosto mais diverso por parte das mulheres, que apreciam tanto as músicas entendidas pela maior parte da população como sendo de melhor qualidade quanto aquelas que são entendidas como músicas festivas. Assim, é mais comum que os estudantes homens declarem preferência por um estilo específico e estabelecido em sua legitimidade, ao passo que as mulheres compõem seu repertório de preferências musicais com estilos legitimados e outros funcionais para contextos de diversão coletiva.

GRÁFICO 4. Estilos literários favoritos (% por gênero)¹⁶

Nas preferências literárias o mesmo padrão se repete. As estudantes gostam mais que os estudantes de 10 estilos literários, destacando-se o apreço por literatura identitária, romance ou ficção, best sellers e suspense ou mistérios (todos com porcentagem acima de 10%), enquanto os estudantes gostam mais que suas colegas de 3 estilos, sendo que aquele com porcentagem mais alta (ficção científica) tem porcentagem de 9,7%. A média das porcentagens dos estilos que as mulheres gostam mais que os homens é 7,8%, enquanto a dos homens é 4,3%. Também de forma homóloga ao que ocorre com a música, não há monopólio de legitimidade marcado pelo gênero nas preferências literárias. Tanto os estilos mais legitimados na população (poesia e clássicos da literatura) quanto os menos legitimados (temas religiosos ou de espiritualidade e autoajuda) estão distribuídos entre os dois grupos.

¹⁶ Sem recorte por gênero, os estilos literários favoritos de mais estudantes são, em ordem decrescente: romance ou ficção (39,6%), ficção científica (35%), suspense ou mistério (31,9%), contos, crônicas e histórias curtas (26,3%), clássicos da literatura (22,8%), literatura identitária (feminina, negra, LGBT+ etc.) (16,4%), best sellers (15,7%), terror (11,1%), poesia ou poemas (8,8%), biografias (6,6%), novelas (5,8%), temas religiosos ou de espiritualidade (4,2%), autoajuda (3,5%).

Estes dados mostram que há na população da Unicamp dois grupos de pessoas – separados um do outro por um marcador de diferença cuja pertinência para estruturar experiências de vida desiguais já foi amplamente tratado pelas ciências sociais (o gênero) – compostos por indivíduos (homens e mulheres) que se unificam internamente e se separam mutuamente por padrões sistemáticos de práticas e gostos encontrados de forma homóloga em diferentes campos culturais: o grupo das mulheres sempre apresenta um estilo de vida marcado pela variedade de práticas e estilos culturais ao passo que o dos homens é marcado pela homogeneidade¹⁷. Tal homologia entre esferas culturais requisita que se busque quais os constrangimentos estruturais que se impõem aos estudantes, impactando na organização de suas práticas e preferências. Na próxima sessão elaboro algumas hipóteses para tanto.

HIPÓTESES EXPLICATIVAS

Como se nota pelas variáveis de caracterização social da amostra, estamos falando aqui de uma população muito marcada em sua posição social, que não representa adequadamente a estrutura de estratificação da sociedade brasileira, mas sim uma fração mais privilegiada dela. A população de estudantes da Unicamp é mais branca do que a média brasileira e há parte maior de estudantes proveniente de famílias com membros de profissões prestigiadas e mais bem remuneradas. Ou seja, temos aqui um recorte em que predominam frações mais elevadas do espaço social da população brasileira, tendo em vista o volume de capitais econômico e cultural que a população discente da Unicamp possui¹⁸.

¹⁷ Padrões semelhantes foram encontrados ainda em outros domínios culturais, como os lazeres externos ao ambiente doméstico, as preferências por filmes, preferências por séries e preferências por programas televisivos. Não apresento estes dados aqui por limitação de espaço e por entender que os dados apresentados são suficientes para sustentar as hipóteses propostas. De qualquer forma, estes dados podem ser solicitados pelo e-mail: gustavo.sousavieira@gmail.com.

¹⁸ O que não significa que seja um espaço social plenamente homogêneo. A despeito da sobre-representação de estudantes oriundos de classes médias e dominantes, a população discente é composta também por uma parte de estudantes oriundos de classes populares. Essas

Ainda assim, a comparação dos padrões de estilos de vida marcados pelo gênero expostos acima com padrões encontrados no espaço social mais amplo ajuda na elaboração de hipóteses explicativas.

Em pesquisas como a *Hábitos culturais dos paulistas* (LEIVA, 2014) e a *Cultura nas capitais* (LEIVA; MEIRELLES, 2018)¹⁹ quase não são citadas diferenças nas preferências culturais de homens e mulheres (o que pode se dar pela inexistência dessas diferenças ou pelo não cruzamento dos dados pelos pesquisadores), mas entre as práticas culturais há diferenças marcantes²⁰. Sobretudo na *Cultura nas capitais*, os dados mostram que as mulheres têm maior interesse em cultura que os homens em quase todas as práticas questionadas (as exceções são jogos eletrônicos e blocos de carnaval) ao mesmo tempo em que seu acesso é quase sempre inferior ao dos homens. As mulheres têm valores mais altos que os dos homens em tempo de leitura e assistindo TV, dançando e frequentando feiras de artesanato, mas os homens têm valores mais altos em frequência ao cinema, shows de música, festas populares, bibliotecas, teatro, circo, saraus, museus e concertos. Os autores levantam a hipótese de que isso se deva ao menor tempo livre de que dispõe as mulheres e a maior responsabilidade com atividades domésticas e cuidado com os filhos, além das desigualdades salariais que diminuem a possibilidade de elas frequentarem lazeres externos.

Contudo, todas essas disparidades de acesso à cultura entre homens e mulheres identificadas na pesquisa *Cultura nas capitais* são mais marcadas

diferenças de classe, e o *habitus* de classe que implica, se imbricam com as diferenças e os *habitus* de gênero na estruturação dos estilos de vida. Retomo este ponto na conclusão.

¹⁹ Pesquisas sobre práticas e preferências culturais realizadas pelo Instituto Datafolha e coordenadas pela consultoria JLeiva Cultura & Esporte. A primeira teve base em entrevistas realizadas com mais de 7.000 pessoas em 21 cidades do estado de São Paulo em 2014 e a segunda se baseou em mais de 10.000 entrevistas realizadas em doze capitais brasileiras em 2017.

²⁰ O único momento em que as preferências culturais são separadas entre homens e mulheres – o que ocorre na *Hábitos* – é na parte de gostos por filmes. Ali, diferenças como as que encontrei entre a população da Unicamp não aparecem. A média das preferências entre os tipos de filmes varia menos de 1% (23,5% entre as mulheres e 22,8% entre os homens) e a quantidade de estilos que homens e mulheres gostam mais que os indivíduos do outro gênero são iguais (cinco para cada grupo) (LEIVA, 2014, p. 176).

em indivíduos de estratos de renda mais baixos e com menos anos de escolaridade. Na intersecção de gênero, renda e escolaridade se percebe que conforme melhora a condição econômica e a escolaridade, diminuem, e mesmo se invertem, as disparidades de gênero no acesso à cultura. Assim, mulheres da classe A e com doze anos ou mais de estudo frequentam uma diversidade maior de eventos culturais que os homens na mesma posição social.

Temos aqui, desta forma, um dado que parece afinado com o padrão identificado entre os estudantes da Unicamp. Se entre estratos com menor acúmulo de capitais os homens têm maior acesso à cultura por disporem de maior tempo livre e dinheiro que as mulheres, nos grupos com melhor condição econômica e educacional (caso da população de estudantes da Unicamp) as mulheres não apenas igualam a quantidade de práticas dos homens, como os ultrapassam. A questão, agora, é entender o motivo disso. Elenco abaixo três hipóteses construídas com base na bibliografia sobre gênero e estilos de vida que podem ajudar a entender estes padrões.

VIÉS DE GÊNERO NO ACÚMULO DE CAPITAL CULTURAL

Randall Collins (2015), ao revisar a literatura sobre as diferenças nos estilos de vida de homens e mulheres nos EUA durante o século XX, percebeu que o trabalho de produção da cultura de status é historicamente atribuído às mulheres, que se tornam especialistas no gerenciamento de impressões e autorrepresentações seja no ambiente doméstico ou em cargos remunerados na esfera pública. Isso seria perceptível tanto a partir da proeminência de mulheres na realização de afazeres domésticos como limpar e cozinhar quanto em sua maior ocupação de empregos como recepcionistas, esteticistas e cabeleireiras. Desta forma, haveria uma espécie de divisão sexual do trabalho seguindo linhas weberianas, na qual os homens se concentrariam majoritariamente no setor de classe e as mulheres no trabalho de converter em status os recursos de dinheiro gerados pelos homens, sendo que mesmo quando elas entram no mercado de trabalho acabam por acumular os trabalhos de produção de status que

lhes são atribuídos no ambiente doméstico²¹. Mais importante para os dados que apresentei aqui é que, na leitura de Collins, a maior mobilização de conhecimento acumulado sobre a cultura de status (ou, poderíamos dizer, a maior mobilização de capital cultural) é o meio a que as mulheres têm que recorrer para alcançar ou mesmo para se comunicar com os estratos superiores da sociedade – geralmente ocupados pelos homens. Dito de outro modo, é via o trabalho para dominar da forma mais ampla possível a cultura de status – o que se dá, na maior parte das vezes, via um acúmulo de trabalho na esfera doméstica e pública maior que o dos homens – que as mulheres têm uma de suas poucas oportunidades de ascender socialmente para as posições que são mais comumente ocupadas pelos homens.

O tema do viés de gênero no trabalho de produção da cultura de status não é estranho à literatura feminista sobre a relação entre divisão sexual do trabalho e exploração do trabalho feminino na esfera doméstica, sobretudo entre autoras do feminismo materialista francês²². Retomando o argumento de Monique Haicault sobre a “carga mental” sentida pelas mulheres, Barbara Castro e Mariana Chaguri expõe um dos principais argumentos da literatura a respeito da desigualdade de gênero nos usos do tempo:

Mas foi quando ela [Haicault] deslocou sua pesquisa para outro contexto, mulheres trabalhando em fábricas, fora de casa, que ela pôde perceber como a distinção de espaços sociais era simplesmente de ordem simbólica. Na fábrica, as mulheres planejam a vida doméstica, pensam sobre as compras da semana e do mês, nas contas a pagar e nas tarefas que têm para cumprir, ou seja, a casa as acompanha na

²¹ É importante pontuar que há um debate na economia feminista que critica a ideia de que o trabalho doméstico pode ser separado de um que seria o verdadeiro produtor de valor. Hildete Melo, Claudio Considera e Alberto Sabbato (2007), por exemplo, aplicaram procedimentos de estimativas de bens ou serviços não mensurados por estatísticas econômicas, estatísticas demográficas e sociais sobre dados produzidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) para mostrar que os afazeres domésticos equivaliam a cerca de 11,2% do PIB brasileiro no período de 2001 a 2005.

²² Para introdução ao tema, ver Kergoat (2009) e Hirata (2014).

fábrica, de modo que a carga mental não está na justaposição ou na somatória de atividades, mas na sua sincronicidade, na sua simultaneidade (CASTRO; CHAGURI, 2020, p. 26).

Assim, a maior variedade de atividades desempenhadas pelas mulheres estudantes da Unicamp poderia ser explicada tanto pelo acúmulo de trabalho produtivo, doméstico e de cuidado, como mostramos nos dados sobre usos do tempo e como é tematizado pelas feministas materialistas francesas, quanto por um esforço particular para dominarem de maneira mais profunda uma diversidade mais ampla de atividades, formas e estilos culturais distintivos, constituindo com isso um repertório de referências que poderia ser vantajoso nas disputas do campo acadêmico e profissional para alcançarem posições sociais mais elevadas, tipicamente ocupadas por homens mesmo que eles não precisem exercer a mesma carga de trabalho para produção de cultura de status. Essas jovens mulheres que cursam o ensino superior em instituições altamente prestigiadas se veriam impedidas (o que não precisa necessariamente se dar de forma refletida, dado que é um constrangimento estrutural) a buscar uma formação cultural mais profunda, a conhecer e a praticar um conjunto mais amplo de expressões culturais que seriam funcionais para disputarem espaço com os homens que as cercam, além de continuarem tendo uma maior carga de trabalho doméstico, de cuidado e de gerenciamento de impressões e autorrepresentações. Por isso, ao mesmo tempo em que apresentam valores mais altos de realização de serviços domésticos, arrumar a casa, cuidar de animais domésticos e plantas, cozinhar e cuidar de dependentes, também passam mais tempo estudando ou lendo e conhecem e apreciam uma diversidade maior de estilos estéticos.

Se for este o caso, o que há aqui é um viés de gênero no trabalho de acúmulo de capital cultural, impondo às mulheres discentes da Unicamp um trabalho mais intenso para alcançarem as mesmas posições que os homens costumam alcançar com menor dificuldade.

ONIVORISMO ORIENTADO PARA A CONSTRUÇÃO DE PERTENCIMENTO E PARA O ACÚMULO DE CAPITAL SOCIAL

A maior diversidade e as médias mais altas de práticas e gostos nas respostas das mulheres na população discente lembram a discussão sobre o *onivorismo* e *univorismo* cultural, que marcou o debate dos estudos sobre gosto e distinção nos anos 1990 e que ecoa até hoje. Observando dados a respeito do gênero musical favorito de estadunidenses de diferentes classes sociais entre as décadas de 1980 e 1990, Richard Peterson (1992) percebeu que, ao passo que classes mais baixas tendiam a se envolver ativamente com apenas uma ou algumas tradições estéticas, a elite tendia a não gostar apenas da cultura refinada, mas de uma grande pluralidade de formas de expressão artística. A partir da identificação deste que seria o gosto *onívoro*, Peterson supôs que o status, agora, passava a ser ganho não mais por se dominar apenas um estilo de vida específico, mas por se demonstrar domínio de variadas formas e estilos estéticos. Por sua vez, as classes baixas, que afirmavam gostar de apenas um ou alguns estilos estéticos, poderiam ser classificadas como tendo um gosto *unívoro*, e com isso menos status.

Os padrões de estilos de vida identificados entre a população discente parecem aproximar as mulheres do onivorismo cultural e os homens do univorismo. No entanto, não é possível afirmar com base nos dados produzidos que entre a população de estudantes da Unicamp o ecletismo cultural é um padrão de legitimidade e, com isso, que apresentar preferência por uma gama proporcionalmente maior de estilos culturais, como fazem as mulheres estudantes, é uma característica que proporciona status. Como exposto acima, os diferentes padrões de práticas e preferências culturais marcados pelo gênero não representam monopólio de legitimidade: as mulheres praticam, se interessam e gostam de uma diversidade de práticas e expressões mais ampla que os homens, mas seus repertórios misturam estilos mais e menos legitimados no campo universitário²³.

²³ Cabe destacar ainda que o estudo das preferências formulado em termos de estilos culturais pode implicar em limitações para a análise da legitimidade, tendo em vista que é comum que dentro de um mesmo estilo existam variações mais e menos legitimadas (ŠPAČEK, 2017;

Há, contudo, leituras sobre o onivorismo que o relacionam não à busca pela legitimidade cultural, mas a uma busca pela ampliação das redes de contatos. Paul DiMaggio (1987), por exemplo, propôs a existência de uma relação íntima entre grupo de status, diversidade dos gostos e dos consumos culturais e amplitude das redes de sociabilidade. Sua ideia era a de que há uma vinculação entre a amplitude das redes de contatos e a diversidade das práticas e preferências culturais de um indivíduo, mas com uma marcação hierárquica específica nessa vinculação: ao passo que o domínio de expressões da cultura popular por parte de pessoas de grupos de status mais altos auxiliaria na ampliação de suas redes de contatos para além de sua classe, o domínio das expressões culturais mais legitimadas auxiliaria a reforçar seus laços com aqueles de posição mais alta, permitindo que a classe se reproduza internamente (DIMAGGIO, 1987). Partindo da proposta de DiMaggio, mas também de Bourdieu, Omar Lizardo (2006) testou empiricamente a relação entre fruição cultural e redes de contatos, com base numa amostra de cidadãos estadunidenses obtida a partir de um questionário aplicado em 2002. Suas descobertas caminham no mesmo sentido das propostas de DiMaggio: práticas de cultura popular estão seletivamente associadas com ampliação das redes de contatos, ainda que marcadas por *laços fracos*²⁴, enquanto práticas de alta cultura estão seletivamente associadas com crescente número de *laços fortes*, e assim com o estreitamento das relações internas às classes altas.

No caso aqui analisado, em que um estilo de vida mais próximo do onivorismo não é marcado pela classe, mas pelo gênero, não faz sentido pensar que os repertórios culturais marcados por uma composição entre práticas e estilos mais e menos legitimados estão assegurando o status para as mulheres, mas esta pode ser uma estratégia acionada por elas – e aqui, mais uma vez, isso não precisa ser conhecido reflexivamente – para ampliarem suas redes de contatos e com isso se sentirem mais pertencentes a esse espaço, além de, posteriormente, conseguirem ter melhores oportunidades de sucesso nas disputas do campo universitário.

CHILDRESS et al, 2021). Da forma como formulei as perguntas sobre preferências no questionário aplicado, não é possível captar essa dimensão mais refinada da legitimidade cultural.

²⁴ Conceitos oriundos de Granovetter (1973).

Como mostrou Mariana Martinelli Lima (2020) pesquisando a experiência de estudantes oriundos de classe popular em cursos de Ciências Humanas na Unicamp, é mais comum entre as estudantes mulheres que entre os homens um contínuo questionamento de seu senso de pertencimento ao campo universitário. É mais frequente que elas se sintam menos à vontade para falar em sala de aula, com maior medo de se sentirem julgadas pelos colegas, medo de dizer algo errado e de serem mal interpretadas. Ou seja, é demandado maior esforço das mulheres para que se sintam pertencentes a esse espaço marcado pela valorização do capital cultural. A hipótese aqui proposta é a de que o domínio de uma gama maior de práticas e de estilos culturais pode ser parte das estratégias mobilizadas pelas estudantes para que consigam estruturar suas redes sociabilidade na Unicamp, para que com isso se sintam mais à vontade diante dos colegas.

Junto disso, ampliar suas redes de contatos funciona também como um trunfo nas disputas sociais. Aqui, é importante ter em mente que as redes de contatos são em si mesmas um importante recurso para o sucesso em um conjunto de competições que marcam o mundo acadêmico e profissional, sendo, portanto, elas próprias um bem disputado, ainda que quase nunca explicitamente. Este recurso que atua sobre as disputas sociais e que tem como referente o volume da rede de contatos de cada indivíduo é o que se pode chamar de *capital social*. Falar em capital social é falar sobre as desiguais oportunidades de se obter rendimentos para os recursos que se possui a partir da possibilidade de acesso a uma rede mais ou menos constituída de contatos (BOURDIEU, 2007). Dito de outra forma, o capital social possuído por um indivíduo é um indicativo da possibilidade de que esse indivíduo consiga valorizar seus demais capitais com base no acesso e na mobilização de uma rede de outros indivíduos, que possibilitam assim um rendimento mais alto para o mesmo conjunto de capitais.

Assim, as mulheres estudantes da Unicamp podem estar buscando um repertório cultural onívoro para que isso as auxilie na busca pelo senso de pertencimento ao campo acadêmico, bem como para tentar contornar as desvantagens que lhes são impostas nas disputas que marcam esse ambiente. Mais do que os homens, as estudantes mulheres sentiriam a

necessidade de transitarem entre círculos sociais diversos, e para tanto é preciso que dominem uma gama mais ampla de práticas e estilos culturais, uma vez que a afinidade de estilos de vida é um recurso atuante na construção e na reprodução dos laços sociais. É uma hipótese semelhante à anterior, na medida em que conecta a diversidade dos estilos de vida das mulheres às desigualdades de gêneros que encontram no campo universitário, mas aqui não se trata da busca pelo acúmulo de capital cultural, mas sim de um repertório que é funcional para que se sintam integradas e para que acumulem capital social.

ABERTURA PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

A maior pesquisa sobre distinção cultural feita após a publicação do livro homônimo de Bourdieu foi a apresentada em *Culture, class, distinction* (BENNETT *et al.*, 2010)²⁵, que dedicou um capítulo para identificar as variações em estilos de vida marcadas pelo gênero entre a população britânica. Num dado semelhante ao encontrado entre a população de estudantes da Unicamp, os pesquisadores mostram que as mulheres apresentam repertórios de práticas e preferência culturais mais variados e versáteis que os homens. Na interpretação deles, isso pode ser sinal de uma maior abertura das mulheres para ressignificar sua identidade como mulheres em contraste com um fechamento dos homens para repensar sua identidade como homens. Isso é, por mais que haja um padrão tradicional de como deve agir uma mulher e um homem, as mulheres abordadas na pesquisa conseguiam ter práticas e preferências diversas e significar todas elas como sendo *femininas*, questionando desta forma o padrão de gênero

²⁵ Pesquisa realizada no Reino Unido com amostra de 1564 indivíduos entre 2004 e 2005, sob coordenação de Tony Bennett e de mais uma série de pesquisadores (Mike Savage, Elizabeth Silva, Alan Warde, Modesto Gayo-Cal e David Wright). Foram aplicados questionários sobre práticas e preferências por televisão, filmes, leitura, música, artes visuais, esportes e alimentação fora de casa. A aplicação dos questionários foi precedida por um programa extensivo de grupos focais com variadas configurações de posições sociais, contemplando diferentes classes, gêneros, etnias, idades e sexualidades. Para a discussão sobre gênero, ver em particular o capítulo 12, *Gender and cultural capital*.

estabelecido e ampliando o significado do que é ser uma mulher. Com isso, os autores identificaram uma pluralidade de versões da práxis feminina, oriundos geralmente de uma articulação entre identidade de gênero e ocupação (“matriarca tradicional”, “feminilidade independente”, “profissional alternativa”, “matriarca de orientação externa”, “respeitável” [BENNETT *et al.*, 2010, pp. 231-232]). Já entre os homens, parecia haver um padrão mais unitário de o que é ser homem, com os entrevistados se dispondo mais próximos ou distantes desse padrão. Ou seja, enquanto as mulheres pareciam questionar e ressignificar de forma reflexiva o padrão de gênero que lhes era imposto, os homens se esforçavam para seguir o tempo todo um ideal restrito e coeso de masculinidade, temendo que qualquer desvio diminuísse ou descaracterizasse sua identidade como homens.

Partindo de uma situação empírica diversa, a hipótese levantada a partir da pesquisa no Reino Unido é a de que há uma afinidade entre a diversidade dos estilos de vida e a capacidade que homens e mulheres têm de reformular a forma como vivem e representam seu gênero. Se isso fizer sentido também para nossa população, teríamos aqui um fator explicativo que extrapola os constrangimentos estruturais do campo universitário, falando de maneira mais ampla sobre como são constituídos os *habitus* de gênero de homens e mulheres: os homens teriam particular tendência a aderirem a um conjunto mais homogêneo de gostos e práticas culturais, que seriam mais facilmente identificáveis com um estilos de vida “masculino”, ao passo que as mulheres se fragmentariam em diferentes grupos marcados por estilos de vida mais diversos, tendo maior facilidade de ressignificá-los como versões diferentes da identidade “feminina”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados aqui apresentados sobre os estilos de vida da população de estudantes da Unicamp mostram que há um corte entre práticas e gostos que é regularmente explicado pelo gênero: as mulheres sempre apresentam maior variedade de práticas e de preferências por estilos culturais ao passo que o estilo de vida dos homens é marcado pela homogeneidade. Três hipóteses lastreadas na literatura da área foram oferecidas para tentar

explicar este padrão, duas que tratam propriamente dos constrangimentos desigualmente impostos às mulheres no campo universitário e uma mais ampla que orienta para a identificação de maneiras diversas de constituição das identidades de gênero. Ao passo que as duas primeiras falam sobre o acúmulo de trabalho que se impõe sobre as mulheres para que elas tenham maiores chances de sucesso na competição com os homens no campo universitário e no mercado de trabalho, a terceira inclina para a confirmação da existência de um *habitus* de gênero.

Antes de encerrar, é importante destacar que estes padrões marcados pelo gênero se articulam com as outras dimensões da estratificação social da forma como ela é estruturada no espaço social estudado. Para o caso da classe, a posição no espaço social não marca fortemente as preferências dos estudantes, mas marca suas práticas culturais, sobretudo as formas de uso do tempo e os lazeres externos. Por um conjunto de fatores que passa pela melhor situação financeira, maior disponibilidade de tempo e maior disposição internalizada em seu ambiente de origem, os estudantes de posições sociais mais altas frequentam mais espaços de lazeres externos de cultura e diversão e desempenham também em seu tempo livre mais atividades de lazer, cultura e diversão, ao passo que os estudantes de posições mais baixas no espaço social dispõem de menos tempo livre e são pressionados pela necessidade de realizar uma carga maior de atividades domésticas e rotineiras (como o trabalho doméstico). Esse cotidiano estruturado pela classe se imbrica com os condicionantes marcados pelo gênero na construção de diferentes formas de feminilidade e de masculinidade: uma mulher estudantes da Unicamp típica, oriunda de alta posição social, tende a ter um tempo livre mais ocupado que um colega homem que compartilha de sua posição no espaço social, bem como tende a desenvolver atividades mais diversas e a apresentar preferências culturais mais heterogêneas, mas em comparação com uma colega mulher oriunda de posição mais baixa no espaço social, a estudante de origem mais privilegiada tende a ocupar seu tempo com mais atividades de lazer, diversão e cultura, ao passo que a de origem mais precária tende a apresentar uma carga maior de atividades domésticas, de obrigação e rotina.

O mesmo vale para a imbricação com a área de estudos, fator de diferenciação de estilos de vida relevante no campo universitário. Em particular nos cursos de Ciências Humanas e de Artes, as entrevistas revelaram que os estudantes sentem uma pressão por formação cultural que passa pelo domínio de práticas, formas e estilos específicos – notadamente os que sejam mais facilmente identificáveis como legitimados. Isso significa que nestes cursos o conhecimento sobre as práticas e preferências culturais requisitados opera de maneira particularmente efetiva como um capital, estruturando hierarquias e a possibilidade do exercício efetivo de violência simbólica. Mas este conhecimento da cultura legitimada internamente aos estudantes de Ciências Humanas e Artes é desigualmente distribuído em homologia com as origens de classe: quanto mais alta a posição social, maior tende a ser o domínio dessa cultura que opera como capital. Assim, em imbricação com o gênero, a tendência é a de que uma estudante mulher oriunda de alta posição social num curso de Ciências Humanas ou Artes tenha um domínio mais profundo e refinado da cultura legitimada que uma estudante oriunda de baixa posição social, e que as duas apresentem maior diversidade de práticas e preferências culturais que os estudantes homens dos mesmos cursos.

REFERÊNCIAS

- BENNETT, Tony *et al.* *Culture, class, distinction*. London: Routledge/Taylor & Francis, 2010.
- BOLTANSKI, Luc. *Rendre la réalité inacceptable, à propos de “La production de l'idéologie dominante”*. Paris: Demopolis, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. O capital social - notas provisórias. In: BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Organização de Maria Alice Nogueira, Afrânio Mendes Catani. 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papiurus, 1996.

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2011
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2. ed. rev. 4 reimpr. - São Paulo, SP; Porto Alegre, RS: Edusp: Zouk, 2017.
- CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Mariana Miggiolaro. Gênero, tempos de trabalho e pandemia: por uma política científica feminista. *Linha Mestra*, v. 14, n. 41a, p. 23-31, 2020.
- CHILDRESS, Clayton et al. Genres, objects, and the contemporary expression of higher-status tastes. *Sociological Science*, v. 8, p. 230-264, 2021.
- COLLINS, Randall. Mulheres e a produção de culturas de status. In: LAMONT, Michèle; FOURNIER, Marcel. *Cultivando diferenças: fronteiras simbólicas e a formação da desigualdade*. São Paulo: Sesc, 2015.
- CORRÊA, Mariza. O sexo da dominação. *Novos Estudos*, n. 54, p. 43-53, 1999.
- DIMAGGIO, Paul. Classification in art. *American sociological review*, p. 440-455, 1987.
- GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. *American journal of sociology*, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo social*, v. 26, p. 61-73, 2014.
- HUPPATZ, Kate. *Gender capital at work: Intersections of femininity, masculinity, class and occupation*. Springer, 2012.
- KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2009.

- LEIVA, João. *Cultura SP: Hábitos culturais dos paulistas*. São Paulo: Tuva Editora, 2014.
- LEIVA, João; MEIRELLES, Ricardo. *Cultura nas capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte*. Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2018.
- LIMA, Mariana Martinelli de Barros. *A experiência dos não-berdeiros: relações entre herança simbólica e a cultura acadêmica*. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2020.
- LIZARDO, Omar. How cultural tastes shape personal networks. *American sociological review*, v. 71, n. 5, p. 778-807, 2006.
- MILLER, Diana. Symbolic capital and gender: Evidence from two cultural fields. *Cultural Sociology*, v. 8, n. 4, p. 462-482, 2014.
- MILLER, Diana. Gender, field, and habitus: How gendered dispositions reproduce fields of cultural production. *Sociological Forum*, p. 330-353, 2016.
- PAKULSKI, Jan. Fundamentos de uma análise pós-classe. In: WRIGHT, Erik (org). *Análise de classe: abordagens*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2015.
- PEREIRA, Virgílio Borges. *Classes e culturas de classe das famílias portuenses: classes e “modalidades de estilização da vida” na Cidade do Porto*. Porto: Afrontamentos, 2005.
- PETERSON, Richard. Understanding audience segmentation: From elite and mass to omnivore and univore. *Poetics*, v. 21, n. 4, p. 243-258, 1992.
- SAINT MARTIN, Monique. From ‘Anatomie du goût’ to La Distinction: attempting to construct the social space. Some markers for the history of the research. In: COULANGEON, Phillipe; DUVAL, Julien. *The Routledge companion to Bourdieu’s Distinction*. Nova Iorque: Routhledge, 2015.

- SILVA, Elizabeth. Unity and fragmentation of the habitus. *The Sociological Review*, v. 64, n. 1, p. 166-183, 2016.
- SIMMEL, Georg. *Filosofia del dinero*. Granada: Comares, 2003.
- SKEGGS, Beverley. *Formations of Class & Gender: Becoming Respectable*. SAGE, 1997.
- SKEGGS, Beverley. Context and background: Pierre Bourdieu's analysis of class, gender and sexuality. *The Sociological Review*, v. 52, n. 2. suppl, p. 19-33, 2004.
- SOMBART, Werner. *Lujo y capitalismo*. Madrid: Alianza, 1979.
- ŠPAČEK, Ondřej. Measuring cultural capital: Taste and legitimate culture of Czech youth. *Sociological Research Online*, v. 22, n. 1, p. 113-129, 2017.
- VEBLEN, Thorstein. *A teoria da classe ociosa: um estudo economico das instituições*. 2. ed. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1987
- WEBER, Max. A distribuição do poder dentro da comunidade: classes, estamentos, partidos. In: WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília, DF: UnB, 1999

Texto recebido em 27/02/2023 e aprovado em 03/08/2023